

BEIVIDAS, W.; FARIAS, I. R. A formação do leitor: considerações sobre a noção de gosto. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

A FORMAÇÃO DO LEITOR: CONSIDERAÇÕES SOBRE A NOÇÃO DE GOSTO

Waldir BEIVIDAS (Universidade Federal do Rio de Janeiro)
Iara Rosa FARIAS (Universidade Federal da Bahia)

ABSTRACT: The preoccupation school presents with readers' generation establishes different and several debates about the question. Our article will build a definition of propensity and social restriction with semiotic point of view and will make a reflection about propensity and its interpose in the generation of readers in the school.

KEYWORDS: reading; propensity; habitude; culture

0. Gosto: definições

No artigo “*De gustibus non est disputandum?* Para uma definição semiótica do gosto”, Fiorin (1997: 13-28) trata da definição de gosto oferecendo-nos uma reflexão Semiótica sobre o assunto. O pesquisador aborda o campo semântico do conceito em questão e da eleição de determinado gosto como parâmetro. Ao invocar o dicionário, nos mostra que o termo invoca, num primeiro momento, a sensação gustativa: o gosto de um alimento ou de uma bebida, por exemplo. Por sinestesia passou a designar a apreciação estética. O campo semântico da palavra, ao se ampliar, passou a denominar também a relação estética com outros objetos: roupas, móveis, flores entre outros. Dessa forma, o vocábulo gosto pode tratar tanto de uma percepção fisiológica - a capacidade de diferenciar os alimentos e dar-lhes preferência - quanto de uma relação cognitiva - a apreciação de um fenômeno artístico.

No aspecto cognitivo, o gosto está associado à cultura de uma sociedade e de tal maneira, que pode até mesmo implicar em repercussões na própria sensação gustativa. Um exemplo: os franceses comem *escargots* (vulgo, lesma) e a maioria dos brasileiros nem pode pensar no prato¹. É a busca pela inserção num grupo, e sua aceitação, que faz alguns compatriotas aceitarem a comer a iguaria. A questão social, estar de acordo com os hábitos alimentares de

BEIVIDAS, W.; FARIAS, I. R. A formação do leitor: considerações sobre a noção de gosto. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

uma cultura dita de primeiro mundo, e todo impacto semântico que isto acarreta, fará um sujeito de outra cultura, que não aprecie a refeição, passar a aceitá-la.

No seu campo semântico o termo gosto abarca, ainda, o sentido de diferenciação. A noção é o estabelecimento de uma diferença, o que implica na competência de saber avaliar. A idéia de diferença e o ato da avaliação estão relacionados com o conceito de valor. O gosto como valor é o resultado de uma seleção. Em um conjunto de objetos selecionam-se aqueles que constituirão os parâmetros de valor para outros objetos. Assim, um objeto de decoração, por exemplo, será valorizado segundo as características que atendam a um padrão prévio (Fiorin: *idem, ibidem*). Essa triagem das características só é possível no conjunto. Noutros termos, estabelecer a diferença, imputando-lhe valor, só é possível dentro de uma totalidade.

O gosto, enquanto hábito cultural, é estabelecido numa relação entre sujeito e objeto. Nesta relação se constitui, em termos semióticos, a existência semântica e modal do sujeito. Sem objeto, não há sujeito. A definição de gosto e sua classificação (bom e mau gosto, de que trataremos logo adiante) é constituída, pois, pela relação entre sujeito e objeto e pelo investimento de valor neste último. Em Semiótica o valor é definido pelo conjunto de traços semânticos conferidos ao objeto, ou seja, os significados atribuídos ao objeto dentro de uma cultura. Na perspectiva modal, o gosto pode ser definido pelo conjunto de modalidades, principalmente aquelas do SER: /DEVER-, QUERER-, SABER-, E PODER-SER/. O sujeito poder estar modalizado pelo /QUERER-SER/, isto é, um sujeito busca a conjunção com um objeto valorizado por outro sujeito. Noutros termos, o /QUERER-SER/ se apresenta como “querer-estar-em-conjunção-com” este ou aquele objeto valorizado socialmente (GREIMAS, 1976: 90-107). O investimento semântico do objeto é realizado por outro sujeito. A partir disto podemos dizer que o gosto é uma relação intersubjetiva.

Por sua vez, a questão do gosto pode ser abordada pelas categorias que a Semiótica apresenta no que se refere à *triagem* e à *mistura*, o que nos permitirá entender melhor a questão do *bom gosto* e do *mau gosto*². Segundo Fiorin (1997: 13-28), tal oposição ocorre quando temos regras para determinar o gosto. Noutros termos, dentro campo do gosto há uma triagem em que são estabelecidas normas. Na variedade do gosto se eleger um tipo como o melhor, o mais equilibrado, o mais estético, tornando-o universal. Exemplo: dentro de uma variedade de carros, é apontado como bom gosto os mais caros ou com design mais arrojado (e aqui também há uma triagem do que seja arrojado) ou

BEIVIDAS, W.; FARIAS, I. R. A formação do leitor: considerações sobre a noção de gosto. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

ainda os importados. O bom gosto não está relacionado apenas, neste caso, à utilidade do objeto, mas ao status que ele proporciona ao sujeito. E este status depende de uma eleição de bom gosto como categoria. Por outro lado, o ordinário, isto é, o comum a todos, não tem a mesma avaliação e pode ser chamado de “brega” ou de mau gosto. O bom gosto está geralmente associado ao que é raro e difícil, enfim objetos (ou lugares) a que poucos têm acesso.

Nessa lógica em que prevalece a triagem, bom gosto é, por exemplo, vestir-se não com roupas de lojas populares, mas com aquelas de grifes, bom gosto é morar em lugar reservado no qual a maioria da população não transite, etc.

Pelo que vimos acima, podemos apresentar as primeiras definições de gosto:

- a) está inserido no conjunto de valores de uma cultura;
- b) é um investimento semântico (os significados) atribuído aos objetos;
- c) constitui-se por meio da relação intersubjetiva;
- d) constitui a modalização existencial e modal (SER) do sujeito, fazendo-o buscar a conjunção com o objeto e
- e) é triagem, pois dentro dos objetos investidos de valor, alguns são escolhidos como parâmetro.

Podemos afirmar, em seguida, que o gosto passa por julgamentos, ou sanções. Os objetos que não correspondem ao parâmetro socialmente estabelecido serão julgados negativamente, ou seja, objetos de mau gosto. O conceito de bom gosto e mau gosto é, pois, construído, e vai se impregnar de tal maneira nos hábitos de uma sociedade, que se torna parte integrante do modo de pensar dos sujeitos, enquanto padrão de julgamento. Não estar em conformidade com o que foi eleito como bom gosto é ser um sujeito que não sabe apreciar as “boas coisas” ou que não tem espírito refinado.

Por isso mesmo, a instauração do novo, ou daquilo que rompe com um padrão preestabelecido, é julgada, num primeiro momento e na maioria das vezes, negativamente. O grau de rejeição também vai estar relacionado com quem ou qual o grupo social propõe a ruptura. Com o tempo, as coisas podem adquirir outras dimensões e o que era considerado de mau gosto, porque não atendia ao padrão determinado numa determinada época, pode ser considerado, mais tarde, de bom gosto ou, se não conseguir este status, ao menos não receber julgamento tão negativo. Noutros termos, a definição de bom e de mau gosto atende a uma visão de mundo e está relacionada com padrões morais, éticos e

BEIVIDAS, W.; FARIAS, I. R. A formação do leitor: considerações sobre a noção de gosto. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

estéticos de uma sociedade ou de um grupo em seu interior. Vejamos isso mais de perto.

1. O gosto como padrão

Definido o padrão de bom gosto, ou seja, as representações semânticas investidas no objeto, o que estiver fora de seus limites é considerado de mau gosto. Podemos observar essa mesma atitude ressoada em outros fazeres sociais. Para além dos objetos, a categoria do bom gosto se estende para as atitudes e gestos, e ainda, para exercício da língua materna. Falar e escrever na Norma Padrão da Língua Materna é considerado como ato de refinamento cultural. Por extensão, o culto e o belo na literatura estão relacionados, via de regra, ao escrever bem.

No entanto, Beth Brait, em “O elixir do Pajé que a escrava Isaura não ousou degustar” (1997: 61-70) nos mostra que o gosto literário tem suas sanções não ligadas somente ao “bom uso” da língua materna. Segundo a autora, alguns temas ainda continuam sendo considerados de mau gosto. É o caso do tema sexo. É dessa forma que La Fontaine, conhecido por suas fábulas, teve seus contos de rir censurados, pois considerados de mau gosto. O tema dos escritos era a sexualidade... O mesmo ocorreu com escritos de Bernardo Guimarães que ficou conhecido pelo romance *A escrava Isaura*. Outros trabalhos do autor, como *O elixir do pajé*, são menos conhecidos simplesmente por terem como foco o assunto da sexualidade. E mesmo Beth Brait na apresentação do seu trabalho pondera que, se buscasse descrever sem eufemismo esse trabalho de Bernardo Guimarães, seu ato poderia ser classificado de mau gosto. Isto porque o texto em questão não se adequaria ao espaço em que se encontrava: um evento acadêmico. A regra da estética literária, nos casos citados, está relacionada ao padrão moral.

Os artigos a que nos referimos indicam que a definição de bom gosto e de mau gosto é uma produção social e se constitui a partir de determinadas categorias. Tais categorias são tomadas como padrões de ordem estética, ética ou moral de uma cultura e vão transparecer no padrão subjetivo. Assim, nas palavras de Beth Brait:

O grotesco, o vulgar, aquilo que é de mau gosto no sentido ético ou até mesmo estético é, em geral, um discurso que se opõe a discursos oficiais, às

BEIVIDAS, W.; FARIAS, I. R. A formação do leitor: considerações sobre a noção de gosto. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

diferentes normas reconhecidas e praticadas num dado momento. É aquilo que rompe a superfície da norma e põe à mostra seus latentes subterâneos (p.67).

O mau gosto é, pois, tudo o que foge à norma estabelecida e que não atende à moral e à estética. Mas... moral de quem? A estética de quem? Ou melhor: moral e estética de que grupo social? O gosto pode ser utilizado como instrumento de preconceito, por isso é relevante buscar responder a questões como essas.

Antes de tudo, é preciso entender que um padrão de gosto funciona como uma *cristalização de sentido*. E o sentido é apreendido por meio do texto em suas mais diversas manifestações. O texto pode ser uma canção, uma música, um quadro, uma fotografia, a arquitetura, o *design* do objeto, etc.

Dessa forma, há um contexto, ou seja, um conjunto de textos que trazem o sentido de gosto e, pois, as “regras” do bom gosto. A definição de bom e de mau gosto trata-se, pois, de cristalizações das atitudes verbais e não-verbais de determinados padrões.

Sob uma primeira impressão, pode parecer que o gosto seja algo meramente pessoal, que tenha caráter particular. No entanto, os indivíduos, desde o momento em que nascem, estão no interior de um grupo, de uma comunidade, enfim, de uma sociedade e por isso estão imersos na linguagem. É por meio da língua que se estabelecem as relações. A mãe com seu bebê todos os dias institui uma comunicação que vai além do contato físico e emocional. Além dos afagos, a mãe canta, recita, indaga e, paulatinamente, insere o filho no mundo da linguagem. E o próprio afago já se antepõe como linguagem afetiva. A linguagem verbal, principalmente, mas também a linguagem gestual, a linguagem dos semblantes e das entonações nos envolve desde os primeiros momentos de vida. Os nossos sentidos (audição, olfato, tato, visão e gustação) são afetados, e até mesmo alterados, enfim, moldados pela linguagem. É por ela que a sociedade estabelece os seus parâmetros morais, éticos, estéticos, etc como já dito anteriormente. Na observação de Tatit (1997: 50):

..todos nascemos mergulhados num conjunto de qualidades (expressão do mundo natural) suscetíveis de serem apreendidas pelos órgãos sensoriais e, ao mesmo tempo, tais sentidos já se apresentam dotados de considerável grau de ordenação cultural (representada no plano de conteúdo

BEIVIDAS, W.; FARIAS, I. R. A formação do leitor: considerações sobre a noção de gosto. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

das línguas naturais).

Noutros termos, nascemos num mundo onde os objetos são apreendidos pelas sensações orgânicas, porém subordinados à cultura, por meio da língua materna. Mesmo o paladar, no decorrer da existência do sujeito, vai se modificando. Este sentido físico tende a se intelectualizar. Com o passar do tempo e com a expansão do conhecimento, o gosto tende a se modificar ou, no melhor dos casos, se tornar eclético. A percepção gustativa do mundo vai, então, obedecer a uma regra de padrão social. É a cultura intelectualizando e « formatando » o sentido fisio-biológico. E aqui recorreremos a termo da informática para tratar do poder da cultura sobre o sujeito e seu aspecto biológico³.

2. Leituras e a formação do leitor

Quando tratamos do gosto pela leitura estamos invocando, primeiramente, uma questão cognitiva. Há na leitura também uma ordem perceptiva, no entanto, pela limitação que um artigo nos impõe, vamos nos deter apenas no quesito cognitivo.

Na formação escolar hoje vigente, quando se pede ao aluno para ler os clássicos literários, as explicações dadas são próximas das oferecidas no ensino da norma padrão. Ler Machado de Assis ou Mário de Andrade, por exemplo, é desenvolver o “bom gosto” no aluno. Ler autores consagrados é uma forma, diz-se, de ascensão social, do mesmo modo que utilizar a norma padrão. A justificativa nos parece equivocada sob múltiplos aspectos. Segundo as proposições veementes e provocativas de Marcos Bagno (2004), autor muito engajado no campo, se isso fosse verdade, os professores seriam os sujeitos mais respeitados da sociedade e não teriam os salários que têm.

Quando é solicitado ao aluno utilizar a norma padrão e a ler os cânones da nossa literatura, o motivo não pode ser meramente torná-lo sujeito de bom gosto e, por causa disso, ascender socialmente. Ler os clássicos da nossa rica literatura vai além dessa visão economicista. Ler é ter acesso aos bens culturais. E isso faz parte da cidadania: ter direito e acesso aos bens culturais, assim como à educação, à saúde, ao transporte de qualidade e à moradia. A literatura não é um bem material como os citados há pouco, no entanto tem valor histórico do qual depende a construção da identidade cultural da sociedade, entre outros.

BEIVIDAS, W.; FARIAS, I. R. A formação do leitor: considerações sobre a noção de gosto. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

A literatura não pode ser apresentada desvinculada da história e do espaço geográfico de um povo. Assim, por exemplo, Érico Veríssimo nos traz, por meio de seus belíssimos romances, os costumes da região Sul. Guimarães Rosa nos remete ao sertão com toda sua peculiaridade. Jorge Amado romanceia a cultura cacaueteira e as relações sociais da Bahia. Manoel de Barros, com sua poesia, nos mergulha no ambiente pantaneiro, apenas para citar alguns. A literatura é um meio bem eficiente para entender a cultura de um país, mesmo que seja tomada como um simulacro. Mas, sabemos que o homem se serve da escrita para refletir o seu fazer no mundo. A literatura é um dos meios de o sujeito abordar a atividade humana e suas tensas relações.

Se não podemos vencer de imediato as classificações do bom e do mau gosto, podemos buscar, enquanto professores, e não críticos literários, suspender nossos julgamentos. Para isso podemos tomar de empréstimo um conceito de Bakhtin: *dialogismo*. Utilizado nos estudos textuais, define que um texto está sempre em diálogo com outros textos. Noutros termos, não há texto que seja “puro”, todo texto de forma explícita ou implícita remete a outros textos. Essa noção de dialogismo é trabalhada por Ducrot sob a denominação de *polifonia*, enquanto que Authier-Revuz trabalha com o conceito de *heterogeneidade*. Cada pesquisador se detém numa especificidade do termo quando aborda a noção. O que queremos ressaltar é que, para esses estudiosos do texto, este se constitui por um feixe de relações com outros textos. Noutros termos, o sentido de um texto é construído pelas relações que são estabelecidas com outros textos, ou seja, num contexto.

Segundo os conceitos de dialogismo, polifonia e heterogeneidade, os textos são, portanto uma *mistura* organizada de outros textos que se imbricam de forma mais ou menos clara. É esta noção de mistura, empregada nos estudos literários, que pode nos ajudar a ver melhor os horizontes. Se o texto, material fundamental para o trabalho com a língua materna e, pois, com a literatura, é constituído de forma mesclada, então, para formar leitores temos de seguir o mesmo caminho. A *mistura* é, pois, a regra, enquanto a *triagem* é a exceção. A triagem é busca pela perfeição e por isso faz a eleição de uma categoria. O problema acontece quando se quer universalizar tal categoria, dizer que é a melhor e a mais correta. Ora, há muitas formas e maneiras de existência literária. Umas mais, outras menos aceitas por determinados grupos sociais. É isso que faz a diferença. Dessa forma, classificar negativamente a literatura que

BEIVIDAS, W.; FARIAS, I. R. A formação do leitor: considerações sobre a noção de gosto. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

não seja aquela tida como clássica é mais um fator de discriminação do que de definição de bom gosto.

A leitura e a apreciação de um texto dependem, ainda, de sua *contextualização*, ou seja, a leitura de qualquer texto precisa levar em consideração suas condições de produção: a época, o lugar e conjunto de textos. Desse modo, poderemos entender com maior amplitude o sentido e os gestos verbais contidos numa poesia ou numa crônica, por exemplo. Entender as condições de produção, isto é, o contexto em que o texto está inserido, é condição para entender, inclusive, as classificações de bom e de mau gosto.

O grande desafio da educação na formação de leitores não é liminarmente ou exclusivamente fazer o aluno ler os textos clássicos, mas antes de tudo desenvolver o gosto *pela* leitura enquanto tal. Para isso é preciso entender também como é formado o leitor na escola e quais são as intenções implícitas na classificação como de bom ou de mau gosto.

Na fase da alfabetização, na maioria dos casos, embora existam as exceções, o contato do aluno é restrito à cartilha ou à apostila da escola. Após adquirir a linguagem escrita o aluno continua tendo como fonte de leitura o livro didático (Magnani: 2001). Embora, atualmente, já encontremos livros didáticos com textos de autores vários, ou parte deles, estes continuam sendo as únicas fontes de leitura dos alunos. É pouco.

Além disso, alguns professores tratam o texto como um anfíbio no laboratório. Dissecam-no gramaticalmente, deixando as questões do sentido em segundo plano. O texto é pretexto da aula de gramática. E só isso.

Concordamos que a gramática deva estar relacionada ao texto. Não obstante aprende-se a estrutura da língua materna muito mais pelo texto do que por enfadonhas análises sintáticas. O problema, como nos aponta Marisa Lajolo no artigo “Texto não é pretexto” (1982: 52-62), é que se esquece de tratar o texto como objeto estético. Não se explora a sua beleza ou o trabalho que o autor fez com a linguagem. E acrescentamos, não se trabalha a construção do seu sentido. Uma coisa e outra estão imbricadas. A beleza da escrita do texto está diretamente relacionada com o seu sentido. As figurativizações usadas, enquanto descrições, por exemplo, convocam inclusive os sentidos físicos do leitor. Quem já não chorou ou sorriu ao ler um romance ou um conto? Nesse momento, as palavras invocam as memórias que por sua vez chamam os sentidos a participarem da leitura.

BEIVIDAS, W.; FARIAS, I. R. A formação do leitor: considerações sobre a noção de gosto. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

Antes de verificar se um texto tem orações subordinadas substantivas objetivas diretas é preciso entender o assunto tratado no texto, observar com quais outros textos ele mantém diálogo e observar como o autor faz isso. É preciso comparar os textos e observar que um mesmo tema pode ser figurativizado em diferentes gêneros textuais: poesia, conto, notícia de jornal, crônica, etc.

O desafio da escola não é, portanto, formar o gosto enquanto mero aparato estético-social, mas antes formar o gosto *pela leitura*, isto é, despertar e incitar o prazer da leitura. Em termos mais simples, fazer gostar de ler, modalizar a competência do aluno para um “querer-fazer (ler)”. Primeiro, com objetivo bem pragmático de sobrevivência: entender os sentidos dos textos é também proteger-se e saber operar os problemas cotidianos. Segundo, fazer gostar de ler pelo prazer que isso causa enquanto ruptura da cotidianidade, pela suspensão dos usos cristalizados das palavras, pelo momento de lazer que a leitura proporciona. E, ainda, pelo conhecimento que a leitura pode trazer.

No entanto, para chegar perto desse ideal não é possível continuar com as práticas rotineiras que a escola ainda mantém. Não se pode julgar a leitura, pouca, dos nossos alunos, como sendo de mau gosto ou ainda sem importância. É preciso lembrar que, na maioria dos casos, nossos jovens não têm escolha e por isso só conhecem um tipo de literatura, se tanto. Assim, se temos adolescentes que lêem os ditos romances “água com açúcar”, respeitemos tais leituras e apresentemos outras. Podemos apresentar o Machado de Assis dos contos, das crônicas e das poesias, para depois apresentar um *Dom Casmurro*. Podemos apresentar autores menos conhecidos, mas sem julgar disforicamente as leituras dos alunos. Se lêem apenas quadrinhos, então avancemos o interesse para as poesias concretas. Se gostam de revistas de “banalidades”, então apresentemos as crônicas de Luis Fernando Veríssimo que escreve com humor a vida cotidiana e aborda as banalidades da vida. Enfim, se gostam de Funk (Um tapinha não dói), então podemos passar pelo rock e outros estilos musicais até chegar a Chopin, Bach e Beethoven, por exemplo. Foi isso que fez uma professora de português da Escola Estadual Suzana Imbassahy na periferia de Salvador. Com sua paciência e suspensão de juízo ela se dispõe a ouvir o que seus alunos ouvem e traz para sala de aula os clássicos da música, discutindo as condições de produção dos dois diferentes tipos de construções culturais. E é assim que constrói uma relação de respeito com seus alunos. E, principalmente,

BEIVIDAS, W.; FARIAS, I. R. A formação do leitor: considerações sobre a noção de gosto. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

proporciona o acesso desses jovens a um dos bens culturais universais dos quais são alijados pela pobreza e pela miséria social em que vivem.

Há escolas onde não há biblioteca, nem livros e tampouco espaço físico, e outras cujo acervo não atende a demanda dos alunos, professores e funcionários. Uma saída é que um dia, por exemplo, cheguemos a criar um banco de textos. A idéia é imprimir textos variados em folhas A4 e torná-los disponíveis na biblioteca ou em caixas que circulem entre as classes. Os alunos podem e devem ficar responsáveis por elas. Outra idéia é fazer um varal ou mural de textos. Neste caso, é preciso observar o fator tempo. Os melhores textos para murais podem ser as crônicas e as poesias. A idéia do banco e do varal/mural de textos partiu de graduandos em estágio e dos professores das escolas em que atuam. Além disso, neste projeto há lugar para a participação dos alunos na construção do acervo literário. Como se vê, é uma proposta pequena, se olharmos as dificuldades que encontra a escola pública, mas já é um começo.

3. À guisa de conclusão

Sabemos que nos limites de um pequeno artigo muita coisa deixa de ser tratada quando o tema é amplo como este do gosto. Não abordamos a questão da *percepção* no ato de leitura, por exemplo. Falamos de forma pouco abrangente sobre a *história da formação* dos leitores brasileiros. No entanto, acreditamos que iniciamos a discussão que pode sustentar uma reflexão sobre a classificação e sobre a denominação “bom gosto”. Também tratamos da necessidade de o professor de Português e Literatura suspender o juízo de gosto, já que isto é mais uma questão social do que pessoal, como vimos no decorrer deste artigo.

Além disso, buscamos discutir sobre a necessidade de se confrontarem textos e entender suas condições de produção, ou seja, o seu contexto. Sugerimos maneiras de trabalhar com os textos, para além da questão meramente gramatical, e o respeito à leitura dos nossos alunos. Tudo isto porque falar de gosto é tratar de questões sociais e entender as tensões que delas decorrem.

BEIVIDAS, W.; FARIAS, I. R. A formação do leitor: considerações sobre a noção de gosto. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

NOTAS

¹ Utilizamos a palavra lesma porque tem parentesco etimológico com caracol. Além disso, na linguagem popular e na vida de muitos cidadãos, o *esgargot*, o caracol, é conhecido apenas como lesma [fr. escargot].

² *O termo triagem e mistura são conceitos desenvolvidos por Claude Zilberberg e Jacques Fontanille, confira bibliografia.*

³ ato ou efeito de formatar, adaptação das características, da estrutura ou da aparência de um conjunto de dados a determinado padrão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, M. *Preconceito lingüístico. O que é, como se faz*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

BRAIT, B. O saboroso elixir do Pajé que a escrava Isaura não ousou degustar. IN: FIORIN, J. L. e LANDOWSKI, E. (eds.) *O gosto da gente, o gosto das coisas: abordagem semiótica*. São Paulo: EDUC, 1997, p. 61-70.

FIORIN, J. L. “*De gustibus non est disputandum?* Para uma definição semiótica do gosto” Fiorin, J. L. e Landowski, E. (eds.) *O gosto da gente, o gosto das coisas: abordagem semiótica*. São Paulo: EDUC, 1997, p. 13-28.

GREIMAS, A.J. Pour une théorie des modalités. *Langages* 43, Paris: Larousse, 1976, p. 90-107.

LAJOLO, M. Texto não é pretexto In: Zilberman, R. *Leitura em crise na escola*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982, p. 52-62.

MAGNANI, M.R.M. *Leitura, Literatura e Escola. Sobre a formação do gosto*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ZILBERBERG, C. E FONTANILLE, J. *Tensão e significação*. Trad. Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Bevidas. São Paulo: Discurso Editorial: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.